

ISCTE – Departamento de Sociologia
Curso de PÓS-GRADUAÇÃO 2003-2004
“GERIR PROJECTOS EM PARCERIA”

Uma reflexão sobre o contributo da
PARCERIA
Perit@s de Experiência / Técnico@s
no processo de ‘empowerment’ e
na construção da resiliência

Trabalho realizado por
Godelieve Meersschaert

Alto da Cova da Moura, 5 de Setembro de 2004

Índex

INTRODUÇÃO	3
1. A PARCERIA PERIT@S DE EXPERIÊNCIA / TÉCNIC@S, CHARNEIRA DE ‘EMPOWERMENT’ E DE FORTALECIMENTO DA RESILIÊNCIA?	4
➤ Uma primeira abordagem do problema	4
➤ Uma reflexão a partir duma prática	5
➤ Concretização e delimitação do problema	6
2. SUBSÍDIOS PARA A REFLEXÃO SOBRE A PARCERIA D@ PERIT@ DE EXPERIÊNCIA / TÉCNIC@ A PARTIR DE PRÁTICAS NA BÉLGICA E NOS PAÍSES BAIXOS	9
➤ Áreas de trabalho dos Perit@s de Experiência	9
➤ O perfil d@s Perit@s de Experiência	10
➤ A Formação d@s Perit@s de Experiência	12
➤ A parceria Perit@s de Experiência / Técnico@: o tandem	13
➤ Reconhecimento oficial do trabalho d@ Perit@ de Experiência	14
➤ Perspectivas de futuro para a profissão de Perit@ de Experiência	15
3. O CONTRIBUTO DA PARCERIA TÉCNIC@ / PERIT@ DE EXPERIÊNCIA NO PROCESSO DE ‘EMPOWERMENT’ E CONSTRUÇÃO DE RESILIÊNCIA. ANÁLISE DUMA PRÁTICA.	16
➤ @s perit@s de experiência no Moinho da Juventude	16
➤ Uma análise SWOT sobre a relação Perit@ de Experiência / Técnico@ na Associação Cultural Moinho da Juventude	18
➤ Complementaridade versus dicotomia: o tandem	24
4. ALGUMAS CONCLUSÕES	25
BIBLIOGRAFIA	26

Introdução

Quero agradecer a Agência Nacional EQUAL e @s Responsáveis e Professores da Pós-Graduação “Gerir Projectos em Parceria” pela oportunidade de conhecer mais de perto o mundo universitário português, @s seus professores e @s colegas do EQUAL.

Este curso significou um desafio para reenquadrar algumas experiências, para questionar.

Foi muito difícil para mim traduzir por palavras as experiências vividas, não somente pelo “português” como pelo facto da pouca utilização dos termos sociológicos na experiência. prática.

Encontrei, no ISCTE, Professores que demonstram a capacidade de interligar os 2 mundos. E foi isto que me estimulou para pôr no papel algumas das preocupações, dúvidas e interrogações, acreditando nas críticas construtivas e no enquadramento mais abrangente dos Professores do ISCTE. Encaminharam-me para leituras desconhecidas que me proporcionaram AHA-erlebnis.

Encontrei no ISCTE colegas do EQUAL que me ajudaram a perceber, um bocadinho mais, o mundo complexo d@s tecnic@s em Portugal.

Decidi fazer este trabalho porque acredito que as críticas do júri sobre esta reflexão me ajudam para reequacionar experiências, ideias fixas e preconceitos que tenho construído. Neste documento somente foi possível pôr algumas interrogações, alguns factos e algumas opiniões. É um desafio aos técnic@s e perit@s para interrogar um leque enorme de questões, a nível da sua parceria, que a experiência me ensinou e que é de enorme importância. Espero com este trabalho dar um pequeno contributo ao debate sobre a parceria perit@ de experiência / técnic@.

Agradeço aos perit@s e técnic@s a sua disponibilidade para preencher os inquéritos. Agradeço a tod@s @s colaboradores do Moinho pelo que pude e posso aprender e viver com eles. Agradeço a Ana Vasconcelos, psiquiatra, que me encaminhou para a leitura do Boris Cyrulnik; e a Márzia Grassi, investigadora, que realçou no seu livro “Os Rabidantes” a importância da actividade económica¹ das mulheres em Cabo Verde – assim como em Angola.

Um especial agradecimento a Dra Isabel F. Martins pela sua orientação e ao Eduardo, São, Marijke, Anabela, Zé pelas suas sugestões e reforços nos momentos penosos do percurso da escrita.

Escrevo em memória do João, meu afilhado, que reconheceu na sua formação experiencial a importância do Projecto EQUAL “Emprego Apoiado”, e em memória do Ângelo, do Nelson, do Zézito, e todos os jovens que caíram na “guerra do tráfico de drogas e armas”, mas sobretudo para Edson e Desira, para os familiares, amig@s e vizinhos destes jovens “Um outro mundo é possível, se a gente quiser”.

Lieve Meerschaert

Em relação às gralhas, cito D. Francisco Manuel de Melo: “Vós as vedes, vós as castigais”.

¹ A actividade económica das mulheres em Cabo Verde – assim como em Angola – continua a ser fortemente subestimada porque as mulheres exercem as próprias actividades maioritariamente no sector informal, pelo que uma melhor avaliação da sua contribuição deveria passar por uma reformulação dos métodos e instrumentos que medem as actividades informais.” Marzia Grassi, **Os Rabidantes** (2003 : 298)

1. A parceria Perit@s de Experiência / Técnico@s, charneira de 'empowerment' e de fortalecimento da resiliência?

➤ Uma primeira abordagem do problema

Acontece regularmente: Investigadores, estudantes e doutorand@s enviam, por carta ou por e-mail, questionários / inquéritos para uma investigação social e pedem ao Moinho da Juventude para aplicá-los num grupo específico de moradores e devolvê-los dentro dum prazo definido. Alguns d@s investigadores/estudantes referid@s nunca entraram no bairro do Alto da Cova da Moura.

Um@ Técnico@, depois de negociação, aceitou vir ao terreno para aplicar os questionários com o apoio de perit@s de experiência do bairro. Informou: “depois da equipa técnica analisar os resultados, será possível definir a intervenção necessária a desencadear com os jovens deste bairro”...

Guylaine Racine² formula: « *La confiance du positivisme dans la supériorité des connaissances scientifiques objectives a produit une division du travail où la connaissance et l'action sont deux opérations séparées. À son tour, cette distinction a donné lieu à deux types d'activités séparées, opposées et hiérarchisées : la recherche et la pratique. Dans cette optique, on constate une séparation étanche entre les groupes producteurs de savoirs (la communauté scientifique et les chercheurs) et ceux chargés de traduire e d'adapter ces savoirs (les praticiens).* » (2000 :43)

Esta divisão hierárquica implica 'relações de poder' e é sancionada financeiramente : a diferença dos ordenados entre investigadores e perit@s de experiência é, nalguns casos, abismal.

Na investigação – acção – formação “*uma outra aproximação dos indicadores da pobreza*”³, efectuada na Bélgica, esta diferença é analisada. Na introdução da investigação é dado o exemplo do Banco Mundial a recolher o testemunho de milhares de pobres: centros de investigação e consultores dos países ricos são recrutados para contactar os académicos dos países pobres; estes, por sua vez, contactam as organizações do seu país, no terreno, que questionam os seus membros. A cada nível pagam-se os intermediários, grandiosamente no top da hierarquia, e de forma descendente até aos pobres que já não recebem nada. A nível financeiro parece a exploração do conhecimento dos mais pobres pelos mais ricos. (2004 : 25)

“...the issue of the participation of the populations concerned in the drawing up of poverty indicators is a crucial one. Although poverty studies and projects sometimes consult poor populations for information, these are practically never associated with the interpretation or use of such data”(2004 : 244).

“.. to comprehend daily reality in poor communities, it was necessary to have the experience of poor people, as expressed by themselves, as a reference point, as well to engage their participation in all the stages of the programme, from its conception to the drawing up of the final report” (2004 : 245).

Encontra-se nos livros e documentos⁴ sobre 'empowerment', educação de adultos, intervenção social ou comunitária a confirmação da importância da aprendizagem a partir da experiência na prática. A

² Guylaine Racine **La production de savoirs d'expérience chez les intervenants sociaux**

³ **Een andere benadering van armoede-indicatoren**, onderzoek – actie – vorming, centrum voor gelijkheid van kansen en voor racismebestrijding, maart 2004.

⁴ Ver bibliografia

análise do trabalho em parceria dos técnic@s e peritos de experiência desta aprendizagem social é menos explorada.

Guylaine Racine⁵ « *La séparation entre les savoirs formalisés et les savoirs construits à partir de l'expérience pratique, souvent constatée dans les lieux institués de formation, n'empêche cependant pas leur coexistence dans toute activité professionnelle.* » (200 :14).

Analisando a aprendizagem em conjunto com os colaboradores duma casa de apoio para mulheres sem abrigo conclui:

« *La réhabilitation de l'apprentissage expérientiel comme mode de connaissance apparaît être une condition essentielle pour récupérer ce qui constitue un des fondements de l'intervention sociale.* » (2000 :140)

« *Le retour réflexif sur l'expérience appartient au monde de l'interaction humaine. À une conception de la réflexion en cours d'action dont l'auteur serait un praticien individuel, nous voudrions ainsi substituer une conception où donner un sens à l'expérience s'inscrit dans un « raisonnement partagé », produit para la participation à une pratique d'intervention commune e intéressée par un même objet.* » (2000 :144)

Nesta abordagem pretende-se reflectir sobre a parceria d@ perit@ de experiência e d@ técnic@ no quadro de organizações gerid@s pel@s perit@s de experiência, em que alguns acumulam com o estatuto de técnic@ .

Formulamos como hipótese de reflexão o questionar desta dicotomia, e a sua reformulação: um@ técnic@ e um@ perit@ de experiência desencadeiam uma aprendizagem social pela sua parceria no trabalho que desenvolvem em conjunto para realizar determinados objectivos.

➤ *Uma reflexão a partir duma prática*

Este trabalho obteve um “empurrão” pela necessidade sentida de reflectir sobre alguma experiência pessoal e colectiva acumulada neste campo. Algumas recordações pessoais, referentes a esta problemática, quero refrescar e partilhar.

Anos '50. Eram uns oito agricultores: os mais novos ainda a cheirarem a terra ou com o odor do estábulo; os mais velhos de fato de domingo. Reuniam-se na “sala de visitas” dos meus pais para decidir sobre empréstimos, atrasos, penalizações dos sócios da Caixa Agrícola, Raiffeisenkas de Sint-Gillis-Waas, uma vila de 5000 habitantes. Nós, as crianças, tivemos de ficar afastadas, mas no fim das reuniões notava-se, para além do fumo denso, que de vez em quando deviam ter tido discussões acesas. A maioria dos membros do Conselho da Direcção tinha percorrido a Escola Básica. Participavam nas reuniões trimestrais, a nível regional, e, semestrais, a nível nacional, do “Centrale Raiffeisenkas”. A Raiffeisenkas desenvolveu-se na Bélgica para a CERA, retirando muitos dos poderes aos Conselhos locais. Em 1998 fundiam-se no KBC, uma das maiores holdings financeiras na Bélgica, perdendo a maioria dos princípios de Wilhelm Friedrich Raiffeisen.

Num curso, coordenado por Paulo Freire em 1972 em Paris, tive a oportunidade de questionar as linhas de ‘crescimento’ na Flandres. Exercitámos o diálogo conscientizador e gerador de uma reflexão crítica e libertadora. Questionámos o papel do intelectual, d@ técnic@, nas sociedades em transformação e sua relação com @s perit@s de experiência, a importância da relação dialética entre teoria e prática, viabilizando revisões fundamentais num repensar constante.

⁵ Guylaine Racine **La production de savoirs d'expérience chez les intervenants sociaux**

Na JOC⁶, no distrito de Turnhout no Norte da Bélgica, experimentou-se, nos anos '70, o processo de conscientização sob a orientação de Henk Schram⁷. Foram os membros do Conselho do Distrito que me entrevistaram e decidiram facultar-me trabalho condicionalmente. Estavam muito desconfiados porque era a primeira vez que uma pessoa com “licenciatura” se candidatava ao lugar de “permanente”. Trabalhámos 3 anos em equipa: 3 jovens trabalhadores⁸, 2 licenciados, 1 bacharel. O Conselho do Distrito, composto somente por jovens trabalhadores, era o órgão decisor. Aprendi aí, na prática, o que é ‘empowerment’, o que é motivação, o que é criatividade. As aprendizagens decorriam em 4 etapas: “demonstração, imitação, execução em conjunto, execução à sua maneira”. Inventámos muitos “jogos activos” em conjunto com os jovens das empresas BELL, DAF, ateliers de confecção. Escrevemos, com @s trabalhadores despedid@s, um teatro sobre a empresa de confecção que fechou as suas portas na Bélgica e se deslocou para a Tunísia, tendo tido o apoio de Professores do Instituto Superior do Têxtil de Tilburg para contextualizar as deslocações das fábricas de têxtil / confecção para o Magreb e para a Índia e as suas consequências para os povos do SUL. Esta reflexão desencadeou várias acções.

Foi naquela altura que li o “Pieter Daens” de Louis Paul Boon⁹. Esta leitura confrontou-me com a diferença que existe entre intelectuais que trabalham **para** o bem do povo (levando à alteração das leis laborais, mas cuja acção não foi orientada para a formação de quadros que continuassem este trabalho) e a metodologia da JOC, proporcionando a espiral “VER / REFLECTIR / AGIR”, onde o poder da decisão reflectida é **partilhada** com os jovens trabalhadores.

Em Portugal, no fim dos anos '70, acompanhei durante 3 anos as fainas da COOPERSERDO e do Sindicato do Serviço Doméstico, geridos pelas (ex-)empregadas domésticas. Aprendi muito nos trabalhos de limpeza no ISSS em Lisboa sobre a relação destas trabalhadores com @s estudantes do Serviço Social; e, ainda mais, durante o Curso de Formação para preparação do Congresso das Empregadas Domésticas no Pavilhão Carlos Lopes em Lisboa.

O reflectir e agir em relação à parceria “Perit@s de Experiência” / “Técnic@s” foi um fio condutor no meu percurso de vida. Participei em diversas parcerias em projectos de vários tipos e feitos. Li bastante sobre parcerias, mas este tipo de parceria continua a ser pouco estudado e implementado. Verbal Vision¹⁰ publicou em Agosto 2004 o resultado dum estudo sobre a participação dos alóctones na vida económica e social na Flandres (Bélgica), com resultados decepcionantes a nível da integração. Fez um inquérito junto de 414 serviços do Estado, organizações não governamentais, instituições particulares sem fins lucrativos que visam a integração dos alóctones. Comprovou que mais de metade das organizações não tem colaboradores-alóctones, e se tem é para os serviços logísticos.

➤ *Concretização e delimitação do problema*

Em 1982, no Alto da Cova da Moura¹¹, tive a oportunidade de conhecer as capacidades d@s moradores do bairro. Conseguiram no fim dos anos setenta, mas sobretudo na década de '80, construir as suas casas, abrir lojas e oficinas, lutar pela instalação do saneamento básico, lutar pela instalação da

⁶ JOC = Juventude Operária Católica (KAJ = Katolieke Arbeidersjeugd)

⁷ Henk Schram, voltou para os Países Baixos, depois de ter assumido durante muitos anos a responsabilidade da JOC nas Filipinas

⁸ Os jovens entretanto seguiram cursos superiores, assumindo agora lugares de intervenção charneiras na Flandres

⁹ Louis Paul Boon, um monumento da literatura Flamenga. O livro “Pieter Daens” foi fonte de inspiração para o filme Belga “Pieter Daens” de Stijn Coninx, nomeado para o OSCAR do melhor filme estrangeiro em 1992.

¹⁰ <http://www.verbalvision.be/publicaties/rapport-comallochtonen.pdf>

¹¹ Estima-se em 6000 moradores a população do bairro do Alto da Cova da Moura. Mais de 80% é de origem Africana.

electricidade, estabelecer laços de vizinhança e de entreajuda, construir estruturas de convívio, organizar-se numa associação de moradores.

A Associação Cultural Moinho da Juventude foi construída nos anos '80 pelos próprios moradores e cresceu, procurando resposta às necessidades e problemas do bairro a nível social, cultural e económico. Ao longo do seu crescimento foi formulando "Traves Mestras". Foram na sua maioria perit@s de experiência que nos anos '80 pilotaram a pequena associação pelas águas movimentadas de intervenções críticas do exterior. Nos anos '90 houve capacidade para contratar "técnic@s" e para aumentar as acções de formação para um@s e outr@s. Desde 2000 a capacidade de recrutar técnic@s aumentou substancialmente, destacando o facto de algum@s perit@s de experiência acumularem o papel de técnic@.

A participação no curso da pos-graduação "Gerir Projectos em Parceria" promovido pela Agência EQUAL e organizado pelo ISCTE, significou um desafio para uma tentativa de sistematização da experiência vivida no bairro do Alto da Cova da Moura a nível da Parceria "técnic@" – "perit@ de experiência".

Nos "Fundamentos e Processos de uma sociologia de acção", Isabel Guerra¹² coloca:

*"Enquanto que a noção de **participação** remete para um esquema linear de exercício do poder, a noção de **parternariado** abre as portas às práticas fundadas no principio da interacção entre as populações, @s técnic@s , os decisores e administradores para os quais as referências não são tanto o poder (a sua conquista, a sua partilha, a sua conservação) mas a acção em si mesma, ou seja, a resolução efectiva de problemas que são consensualmente identificados porque são trabalhados no interior de mecanismos de comunicação entre todos os parceiros. O poder está presente não como "ter", mas antes como interacção social sempre negociável, embora desigual e conflitual. "* (2002 : 101)

"A tomada de consciência deve estar associada a um envolvimento na tomada de decisões, nas acções e na continua avaliação de todo o projecto de acção. Este é o processo que se apelida hoje de 'empowerment', ou seja, de partilha de poder pelos vários grupos sociais. (2002 : 102)

Num artigo redigido para a Revista FORMAR do IIEFP¹³ , os responsáveis do Moinho da Juventude formularam desta forma o conceito 'empowerment':

Chamamos 'Empowerment' ao processo, segundo o qual, indivíduos e grupos locais ou comunidades vão desenvolver as suas capacidades e adquirir o poder de uma participação activa:

- ❖ Para terem mais influência ou para serem capazes de enriquecer as suas vidas e a sociedade em que vivem,
- ❖ Para aumentar as suas capacidades de modo a poderem tomar decisões, duma maneira independente, sobre o que influencia a sua vida e de modo a ter influência nas pessoas que decidem sobre eles, numa aprendizagem crescente deles próprios.

Os processos de **acção, reflexão, comunicação e cooperação** são os quatro eixos da aprendizagem social que sustentam o 'empowerment'.¹⁴

*"Cada um destes processos caracteriza-se por determinadas tensões e contradições. Por tal, não podem ser considerados processos simples ou consistentes. A **acção** desloca-se da e para a necessidade e a competência; a **reflexão** é o produto da oposição entre a distância e a identificação; a **comunicação** balança entre o controlo unilateral ou multilateral e, finalmente, a **cooperação** oscila entre consenso e dissenso" (2004 : 156).*

¹² Isabel Carvalho Guerra **Fundamentos e Processos de Uma Sociologia de Acção**

¹³ Revista "Formar" IIEFP, Julho 2001

¹⁴ Danny Wildemeersch, Theo Jansen, Joke Vandenabeele e Marc Jans **Aprendizagem Social: uma nova perspectiva sobre a aprendizagem em sistemas participados** Revista FORUM III , Braga, 2004

Queremos nesta abordagem questionar porquê e como é que a parceria d@s técnic@s e d@s perit@s de experiência da Associação Cultural Moinho da Juventude

1. estimula a realização dos objectivos, a operacionalização das Traves Mestras¹⁵, a aprendizagem social. (plano colectivo)

2. fomenta “ a resiliência”, a capacidade de se realizar, de viver, de se desenvolver de forma positiva, de maneira aceitável, não obstante o stress ou a adversidade” conforme descrita por Boris Cyrulnik¹⁶. (plano individual) *“On peut dire plus simplement que la résilience est un tricot qui noue une laine développementale avec une laine affective e sociale. C’est pourquoi il vaut mieux décrire un itinéraire de personnalité résiliente, et chercher à comprendre comment elle se faufile à travers les coups du sort pour se tricoter quand même avec des appuis solides. La résilience n’est pas une substance, c’est un maillage. Nous sommes tous contraints de nous tricoter avec nos rencontres dans nos milieux affectifs et sociaux (2002 : 38-39).*

¹⁵ Ver anexo 1: Traves Mestras

¹⁶ Boris Cyrulnik **Um Merveilleux malheur**, Odile Jacob, 2002

2. Subsídios para a reflexão sobre a parceria d@ Perit@ de experiência / Técnico a partir de práticas na Bélgica e nos Países Baixos

O conceito “perit@ de experiência” (ervaringsdeskundige) terá sido utilizado nos Países Baixos pela primeira vez no Diário “De Volkskrant” de 5/11/1994, definindo @ perit@ de experiência como “uma pessoa que adquiriu a sua autoridade na base da sua experiência e não na base da aquisição sistemática de conhecimentos”.

No dicionário neerlandês Van Dale de 1999 encontra-se a definição: “alguém com muita experiência num determinado terreno”

Exemplo: um@ perit@ de experiência no terreno da anorexia é alguém que teve (ou ainda tem) anorexia e que desta forma sabe muito sobre este assunto.

Uma definição mais completa e que vai ao encontro do nosso pressuposto formulado no primeiro capítulo, encontra-se no Decreto de 21/3/2003 do Governo Flamengo em relação a Luta contra a Pobreza. Este Decreto proporciona a base legal para a criação do emprego de Perit@ de Experiência formad@ na área da pobreza e da exclusão social.

A definição “d@ perit@ de experiência” no Decreto de 21/3/2004:

“Pessoa, que experienciou a pobreza, que reflectiu sobre e equacionou esta vivência e a enquadrou e que, através duma formação, adquiriu atitudes, competências e metodologias para aplicar, duma forma cabal, “a sua experiência da pobreza equacionada” num ou mais sectores da luta contra a pobreza.”

➤ *Áreas de trabalho dos Perit@s de Experiência*

Uma pesquisa na Internet evidenciou a actuação de perit@s de experiência nas seguintes áreas de acompanhamento / aconselhamento:

- reintegração no emprego;
- luta contra a pobreza; gestão do orçamento;
- superação ou acompanhamento de doenças físicas e psíquicas;
- prevenção / tratamento da toxicod dependência, alcoolismo, suicídio;
- acompanhamento de familiares, amigos de toxicod dependentes, alcoólic@s;
- integração de alóctones...

Certifica-se a existência de um paralelo entre “@ perit@ de experiência” e “@ mediador sócio-cultural”. Encontram-se afinidades com outros grupos: “intérpretes sociais, perit@s de clientes, paratécnic@s, consultores de clientes”.

Em todas estas funções trata-se de pessoas que pertencem ou pertenciam “ao grupo alvo”. Existe uma diversidade significativa de “grupos alvos”: alóctones, toxicod dependentes, pobres, doentes físicos, doentes da área da psiquiatria.

Alguns exemplos:

- No sítio do Ministério da Justiça¹⁷ dos Países Baixos, um perit@ de experiência assume a responsabilidade de responder no Fórum a nível de “violência doméstica e psiquiatria”
- Existe uma brochura, que foca o papel e o testemunho d@s perit@s de experiência nos trajectos de reintegração das pessoas que estiveram no desemprego ou doentes, tendo o título: “Acompanhamento na reintegração: @ perit@ de experiência como consultor”¹⁸
- O Instituto Nacional de Informação/Orientação da Gestão do Orçamento (NIBUD)¹⁹ em Utrecht (Países Baixos) trabalha com perit@s de experiência que superaram dívidas. Ess@s perit@s informam, procuram em conjunto com jovens e adultos, métodos para a gestão mais adequada do seu orçamento. @s que conseguiram sair do “beco” são convidad@s a trabalhar como perit@s de experiência no NIBUD.

Mais exemplos e noutros âmbitos existem. No sítio²⁰ do GGZ²¹, o órgão de cuidados a nível da saúde mental nos Países Baixos, é possível consultar os “Homepages” d@s perit@s de experiência em variadas problemáticas nos Países Baixos, como Borderline, Anorexia, Autismo, Incesto, Automutilação, ADD/ADHD, Burnout. O GGZ classifica cada sítio, que fica à responsabilidade de cada perit@ de experiência.

➤ O perfil d@s Perit@s de Experiência

Um anúncio para recrutamento dum@ “perit@ de experiência” para uma organização de pacientes reumátic@s nos Países Baixos enuncia os seguintes requisitos:

- ❖ Ter conhecimento das actividades das associações de pacientes reumátic@s
- ❖ Ter capacidade de gestão sem esquecer a execução prática
- ❖ Ter uma visão sobre a posição das pessoas com restrições de movimentos a nível social e político.
- ❖ Capacidade para ver mais longe do que a problemática das pessoas com problemas reumáticos.
- ❖ Capacidade para defender a perspectiva dos pacientes nas discussões com representantes de diversas organizações: seguradoras, mecenato, investigadores..

No sítio da Associação Flamenga de Sociologia²² encontramos uma informação sobre Seminários que decorreram no 1º trimestre de 2004, versando “A profissão de Perit@ de experiência na luta contra a pobreza e exclusão social”.

Estes seminários são orientados por Barbara Demeyer e Katrien Vandenbempt, autores da investigação “**Perfil da Profissão. Perit@ de experiência em pobreza e exclusão social**”²³ elaborada a

¹⁷ http://www.ministerievanjustitie.nl/b_organ/nhg/forum/psychiatrische_stoornissen.htm

¹⁸ C. Egas, E. Zuidema **Hulpverlening bij reintegratie: de ervaringsdeskundige als adviseur**, 1998.

¹⁹ www.nibud.nl, Nationaal Instituut voor Budgetvoorlichting

²⁰ http://www.ggzconsult.com/shw_link.php?id=59

²¹ <http://www.ggznederland.nl/>

²² <http://www.sociologie.be/sociodata/sdata04009.htm>

pedido do Ministro Flamengo do Bem-Estar, Saúde e Igualdade de Oportunidades. Esta investigação proporciona uma visão sucinta, mas clara e estruturada.

O procedimento seguido pelos autores para formular o perfil abrange 5 fases. A convocação de “conferências” é uma das fases cruciais, que assegura a função de validação e legitimização. Os investigadores apresentaram nestas conferências um documento de base que foi trabalhado e aprofundado pelos conferencistas.

O perfil definitivo, elaborado pelos investigadores, abrange 10 pontos (2003 : 7)

1. Definição da profissão
2. Limites da profissão
3. Tarefas e actividades
4. Atitudes profissionais
5. Competências necessárias
6. Conhecimentos necessários
7. Circunstâncias de trabalho
8. Organização de trabalho
9. Pontos críticos na profissão
10. Evoluções futuras

Na investigação do HIVA é mencionado que na formulação das tarefas e actividades d@s perit@s de experiência se nota muita semelhança com as actividades / tarefas de mediadores sócio-culturais, educadores, assistentes sociais. A diferença está no ângulo ou “nos óculos” e na outra maneira de trabalhar.

O concretizar, integrar e realizar da **especificidade d@ perit@ de experiência** abrange 5 elementos (2003 : 20), nomeadamente:

1. *Interpretar – aclarar “o mundo vivido”:* interpretar é “traduzir” o que é difícil perceber para pessoas que nunca viveram numa situação de pobreza. Interpretar significa reflectir sobre valores, normas, preconceitos, pressupostos. É tarefa d@ perit@ abrir o mundo das pessoas que vivem na pobreza aos que não são pobres; e esclarecer os pobres como são “percebidos” os valores, normas comportamentos, escolhas e decisões dos pobres, pelos não-pobres.
2. *Função de ponte – mediar:* desencadear a comunicação entre pobres e não-pobres. Visto a dominância da perspectiva da classe média, é sobretudo necessário demonstrar a realidade da pobreza e a perspectiva dos pobres.
3. *Apoiar:* Tendo em conta a sua experiência, @ perit@ de experiência pode apoiar os pobres no sentido de alargar a sua visão sobre a pobreza; pode apoiar na recuperação da auto-estima.
4. *Função crítica – função sinalizante* perante @s técnic@s, os gestores, os políticos que não se dão conta das repercussões de certas medidas para quem vive na pobreza.
5. *Promover a acessibilidade:* as organizações, tendo no seu quadro perit@s de experiência, facilitam o acesso e a abertura dos seus serviços.

²³ Katrien Vandenbempt & Barbara Demeyer **Beroepsprofiel Ervaringsdeskundige in de armoede en sociale uitsluiting**, Hoger Instituut voor de Arbeid, Leuven, 2003. As referências a este estudo são traduzidos livremente, respeitando o espírito do documento, para facilitar a leitura.

Os conferencistas da investigação do HIVA avaliaram uma lista de 27 atitudes profissionais d@s perit@s de experiência na área da pobreza, dando uma classificação: indispensável (4), muito importante (3), importante (2), e desejável (1). Seguem aqui as atitudes profissionais cruciais (score 4 ou 3) indicadas por, pelo menos, 2/3 d@s conferencistas por ordem de importância (2003 : 23):

Atitudes Profissionais d@ perit@ de experiência:

1. respeito (acreditar nas pessoas e nas suas capacidades de crescimento)
2. discrição
3. empatia – ser social
4. sentido de cooperação
5. atitude crítica
6. capacidade de auto-crítica
7. disponibilidade de contacto
8. consciência do próprio imago
9. aceitar críticas
10. assertividade
11. sentido de iniciativa
12. flexibilidade
13. saber trabalhar conforme as tarefas estipuladas
14. persistência

É de referir que as três atitudes consideradas mais importantes estão relacionadas com a postura d@ perit@ de experiência perante o grupo alvo. As 4 seguintes referem-se a atitudes perante colegas, a própria organização e a sociedade em geral. No capítulo 3 pretendemos fazer a ligação entre este estudo e as averiguações d@s técnic@s, perit@s de experiência do Moinho da Juventude.

➤ A Formação d@s Perit@s de Experiência

A “Liga da Dor” da Flandres²⁴ concebeu uma formação para “peritos de experiência” na área da dor. O curso abarca 3 partes:

1. Uma pré-formação tendo como objectivos: Controlar se “a dor” está suficientemente ultrapassada, de forma a tornar a “aprendizagem” possível. Reflectir sobre o próprio trajecto. Iniciar exercícios de comunicação e de escuta. Verificar a integração no grupo de formação

2. A Formação

- ❖ Conhecimentos elementares sobre “dor” e “tratamento da dor”
- ❖ Conhecimentos elementares sobre o RIZIV²⁵, o Instituto do Reino para doenças e invalidez
- ❖ Aprendizagem dos processos individuais e de grupo.

A base da formação é constituída pela própria história de vida, e os novos conhecimentos são conectados a esta história. A própria história é o mais importante no apoio a outros doentes.

3. O Estágio: Exercícios elaborados em conjunto com a Escola Superior do Estudo da Dor; Estágio nas associações de doentes com dor; Estágio nos Centros de Dor.

²⁴ Vlaamse Pijnliga

²⁵ RIZIV - Rijksinstituut voor ziekte- en invaliditeitsverzekering

Outras organizações, instituições e associações elaboraram currícula de formação mais ou menos detalhadas ou proporcionam uma formação “ad hoc” ou em posto de trabalho.

O mais elaborado é o plano curricular da formação construído pela associação sem fins lucrativos DE LINK, em 1999, na base da análise das tarefas, actividades, atitudes profissionais, competências, conhecimentos dum@ perit@ de experiência na área da pobreza. Em Fevereiro de 2003 a Ministra Flamenga para o Bem-Estar, Saúde, Igualdade de Oportunidades e Cooperação entregou os primeiros 18 diplomas de “perit@ de experiência na área da pobreza e exclusão social”, depois duma formação de alguns dias por semana, durante 3 anos e meio.

@s perit@s de experiência diplomad@s exprimiram a necessidade duma formação contínua para alargar os seus conhecimentos, para adquirir novas capacidades e para reflectir sobre a situação concreta de trabalho.

A Resolução Ministerial de 28/4/2004 da Comunidade Flamenga define o “requerimento para acreditação das organizações de coordenação da formação d@s Perit@s de Experiência na área da Pobreza”, pelo que a definição do curriculum de formação nesta área está regulamentada, proporcionando uma plataforma óptima para outras áreas.

➤ *A parceria Perit@s de Experiência / Técnico@: o tandem*

Em 1996, De Cirkel²⁶, associação sem fins lucrativos, descreve a parceria d@ perit@ de experiência / técnico@ como “trabalhar em tandem” tanto a nível de testemunho, de discursos, no acompanhamento de famílias pobres e em investigação-acção. Nesse trabalho em parceria destaca-se a complementaridade dos parceiros e a mais valia da metodologia.

Na investigação do HIVA²⁷ no capítulo sobre a organização do trabalho (2003 : 33) referem que

“existem na prática diferentes fórmulas: uma parceria fixa entre 1 perit@ de experiência e 1 técnico@ ou 1 perit@ de experiência que trabalha, alterando, com este ou aquele técnico@ em duo. Existem práticas onde prevalece uma plataforma fixa de parceria; outras trabalham em parceria somente em determinadas tarefas.

Na parceria @s 2 parceir@s têm do mesmo valor: cada um@ tem a sua competência, que serve de base para a complementaridade. Isto significa que um@ parceir@ não pode ser responsabilizad@ pelas intervenções ou comportamentos d@ outr@ parceir@.

Para perit@s de experiência na fase inicial é aconselhável ter um@ parceir@ técnico@ fix@.

O trabalho em parceria abarca condições:

- *Deve existir tempo e espaço para comunicação e intercâmbio;*
- *A existência de coaching ou suporte para @s parceir@s é desejável;*
- *É necessário ter compromissos bons e claros em relação à cooperação.”*

Desde 2003 a Central Flamenga dos Centros de Emprego, o VDAB²⁸ integrou 3 perit@s de experiência (na área da pobreza) nos seus serviços. Eles ensinam a@s consultores o que quer dizer “ser pobre”. Há

²⁶ **Uit het huis, uit het hart? Innerlijke wortels dan de armoede. Krachtlijnen voor een solidariserende armoedebestrijding** vzw De Cirkel, Berchem, 1996.

²⁷ Katrien Vandembemt & Barbara Demeyer **Beroepsprofiel Ervaringsdeskundige in de armoede en sociale uitsluiting**, Leuven, 2003.

desempregad@s pobres que não aceitam um determinado emprego ou desistem do seu curso. @s consultores muitas vezes não percebem porquê, mas @s perit@s de experiência reconhecem a lógica desse comportamento e dão o apoio a@s consultores.

Um projecto do GGZ – Groningen (Países Baixos)²⁹ para dar resposta às pessoas com deficiência psicológica ou toxicod dependência decidiu apostar no recrutamento dum duo: um técnic@ e um@ perit@ de experiência, tendo como motivação: fazer a ponte entre o mundo de vivência do cliente e o mundo do apoio. Este duo completa-se a nível de conhecimentos, competências, criatividade e redes.

➤ *Reconhecimento oficial do trabalho d@ Perit@ de Experiência*

Na Flandres, o Ministério da Comunidade Flamengo publicou, no dia 10/10/2003, uma Resolução (ver original³⁰) do Governo Flamengo para regulamentar a execução do Decreto de 21/3/2003 em relação à Luta contra a Pobreza.

A parte I trata a empregabilidade d@s “Perit@s de Experiência” da área da pobreza e no artigo 23 define que cada Ministro Flamengo, no seu âmbito de gestão, tomará iniciativas para fomentar a empregabilidade d@s perit@s de experiência.

No artigo 25 define as incumbências das organizações nesta área:

1. sensibilização para a empregabilidade d@s perit@s de experiência através da formação e informação
2. procura, recrutamento e selecção de candidat@s perit@s de experiência
3. procura de lugares de trabalho para @s perit@s de experiência e controlo do progresso d@s perit@s de experiência empregad@s
4. contribuição para a coordenação do/ou encaminhamento para a formação de perit@s de experiência
5. contribuição para o desenvolvimento de metodologias
6. contribuição para a definição do perfil d@s perit@s de experiência

²⁸ VDAB = Vlaamse Dienst voor Arbeidsbemiddeling (Central dos Centros de Emprego Flamengo)
<http://vdab.be/magezine/ma03/armoede.shtml>

²⁹ <http://www.spc-groningen.nl/ggz-cp/projecten/support-consulent.doc>

³⁰

MINISTERIE VAN DE VLAAMSE GEMEENSCHAP

10 OKTOBER 2003. - Besluit van de Vlaamse regering tot uitvoering van het decreet van 21 maart 2003 betreffende de armoedebestrijding

Afdeling I. - Tewerkstelling van ervaringsdeskundigen

Art. 23. Elke Vlaamse minister neemt binnen zijn beleidsdomein initiatieven inzake de tewerkstelling van ervaringsdeskundigen.

Art. 25. Een organisatie heeft als opdracht :

1º de sensibilisering voor de tewerkstelling van ervaringsdeskundigen in voorzieningen via vorming en informatie;

2º zoeken naar, de rekrutering en de selectie van kandidaat-ervaringsdeskundigen;

3º zoeken naar tewerkstellingsplaatsen voor ervaringsdeskundigen en de voortgangscontrole van de tewerkgestelde ervaringsdeskundigen;

4º bijdragen tot de coördinatie van of de toeleiding tot de opleiding van ervaringsdeskundigen;

5º bijdragen tot de methodiekontwikkeling;

6º bijdragen tot de profielvorming van ervaringsdeskundigen.

➤ *Perspectivas de futuro para a profissão de Perit@ de Experiência*

A investigação do HIVA³¹ formula alguns cenários para o futuro d@s perit@s de experiência. Uma pista aberta para exploração.

Reveladora é a intervenção do dia 21/4/2004 na Comissão dos Assuntos Sociais sobre @s perit@s de experiência (experts du vécu) e seu futuro na Flandres:

01 Question de Mme Karin Jiroflée au ministre de la Mobilité et de l'Economie sociale sur "le recours à des 'experts du vécu' dans le cadre de la lutte contre la pauvreté" (n° 2383)

01.01 Karin Jiroflée (sp.a-spirit):

Lors du Conseil spécial des ministres des 20 et 21 mars, des mesures ont été prises en faveur des chômeurs très faiblement scolarisés et des personnes les plus démunies. Il y a notamment été décidé de faire appel à des experts du vécu pour assister le gouvernement dans le cadre de sa politique de lutte contre la pauvreté. Je m'inquiète toutefois de constater que le ministre a parlé d'un 'projet pilote'. Que se passera-t-il à l'issue de ce projet? Cette approche n'est-elle pas jugée tout à fait convaincante? Y a-t-il d'autres explications aux débuts si hésitants de cette initiative? Comment le ministre conçoit-il pour l'avenir l'intervention d'experts du vécu auprès du gouvernement fédéral?

*01.02 Bert Anciaux, ministre: Le travail fourni par les premiers experts du vécu ayant terminé leurs études l'an dernier est excellent. Un deuxième groupe de 27 experts du vécu achèvera ses études fin juin. L'apport des experts du vécu auprès des services publics fédéraux, des institutions fédérales (comme l'Onem ou l'Office national des allocations familiales) et des entreprises publiques fédérales favorisera sans aucun doute la convivialité et l'accessibilité, au bénéfice des moins nantis. Il est important pour la réussite du projet qu'une description de fonction et un encadrement précis soient fournis aux experts du vécu dès le début de leur mission. De même, il est indispensable que les experts du vécu et les divers SPF et SPP se concertent régulièrement. Je poursuis avec Mme la secrétaire d'Etat Arena le développement de l'initiative visant à engager des experts du vécu. Nos départements ont déjà pris les premières initiatives en ce sens. J'ai fait mention d'un projet pilote. **Il s'agit d'une première mondiale.** Pour favoriser les chances de réussite de ce projet, il faut l'encadrer, l'évaluer et, le cas échéant, l'adapter en permanence. Peut-être aurait-il été préférable de parler d'une phase de test. Mme Arena et moi-même informerons les membres de la Chambre des avancées en la matière. Je tiens à ce qu'un bon départ soit pris dans le courant de cette année. Pour cela, il faut une concertation avec les services concernés. J'entends également associer d'autres niveaux de pouvoir et même des entreprises privées à cette initiative.*

Le développement de cette initiative au niveau fédéral pourrait prendre quelques années. Dans une deuxième phase, nous souhaiterions également impliquer les Régions, les Communautés et les communes. Dans une troisième phase, nous consulterons les entreprises.

Esta abordagem sintética sobre as práticas de parceria perit@ de experiência / técnic@, nos Países Baixos e na Bélgica, não destaca o seu contributo no processo de 'empowerment' e na construção da resiliência. Seria necessário analisar os testemunhos d@s perit@s de experiência e d@s técnic@s Belgas e Holandeses.

Neste trabalho optou-se por dar relevo ao reconhecimento do papel d@ perit@ de experiência em diversas áreas, ao seu perfil, à sua formação, à parceria ou tandem perit@ de experiência / técnic@, e ao estatuto oficial d@ perit@ de experiência.

³¹ Katrien Vandenbempt & Barbara Demeyer **Beroepsprofiel Ervaringsdeskundige in de armoede en sociale uitsluiting**, Hoger Instituut voor de Arbeid, Leuven, 2003.

3. O contributo da parceria Técnico / Perito de Experiência no processo de 'empowerment' e construção de resiliência. Análise duma prática.

Redigiu-se, com @s parceir@s institucionais, a proposta de projecto "Emprego Apoiado" no quadro do programa EQUAL. Era necessário definir "o quadro dos colaboradores". A proposta do Moinho para inserir um "Mediador sócio-cultural" no projecto, levantou alguma discussão e discordância: No "FORUM", previsto no projecto, havia lugar para @s perit@s de experiência mas, a nível das equipas, a orientação foi no sentido de só contratar 'técnicos', aliás pessoas com pelo menos licenciatura. No decorrer do projecto confirmou-se a importância da integração dum@ perit@ de experiência na equipa técnica.

O desaprovar, as recusas em relação à presença d@s perit@s de experiência em reuniões oficiais, actividades importantes, planeamentos ou locais de decisão, aconteciam e acontecem com frequência.

No Moinho da Juventude houve, desde a sua constituição, sócios contribuintes e sócios efectivos. Somente os sócios efectivos, (ex-)moradores do bairro do Alto da Cova da Moura, têm direito a voto e podem ser eleit@s para os cargos dos Corpos Gerentes. Esta opção acarretou dificuldades consideráveis, sobretudo porque, nos anos '80, a presença de técnico@s no bairro era muito escassa.

A formação experiencial,³² a participação em cursos de formação profissional e o facto, de alguns Perit@s de Experiência entretanto adquirirem o estatuto de Técnico, proporcionou uma evolução na qualidade do trabalho dos Corpos Gerentes. Desde os anos '80 apostou-se na formação dos moradores; apostou-se na parceria perit@s de experiência / técnico@s; apostou-se na reflexão sobre a experiência no processo de formação dos técnico@s.

Houve técnico@s que trabalharam por um período curto no Moinho, mas a maioria conta com 5 ou 6 anos de colaboração e algum@s com 9 a 10 anos. A nível de perit@s de experiência a estabilidade é considerável : 21 perit@s de experiência, tendo vínculo laboral com o Moinho em Agosto 2004, ancoraram sua ligação há mais de 10 anos com a Associação.

➤ @s perit@s de experiência no Moinho da Juventude

Na observação participativa³³ foi possível averiguar:

O Moinho significou para a maioria d@s técnico@s "um local de formação entranhada". Mesmo técnico@s, que saíram com mágoa, reconhecem que a experiência no Moinho foi uma aprendizagem profunda, que mudou a sua actuação a nível do trabalho profissional. O lidar com Corpos Gerentes, a maioria com bastante menos habilitações escolares, não era e não é fácil aceitar. O reatar do diálogo era e é muitas vezes difícil. O trabalho em parceria com @s perit@s provocou e provoca regularmente 'faísca'.

³² A formação experiencial conforme Marie-Christine Josso no seu livro 'Experiências de vida e formação' (2002 : 40) engloba a "experiência existencial" e "aprendizagem pela experiência". A experiência existencial diz respeito ao todo da pessoa, diz respeito à sua identidade profunda, à maneira como ela vive como ser, enquanto a aprendizagem a partir da experiência, ou pela experiência, está apenas relacionada com transformações menores.

³³ Esta observação participativa iniciou em 1984

A nível d@s Perit@s de Experiência, a maioria assume o Moinho como uma construção deles, que por sua vez os ajudou no processo da sua formação experiencial, conforme se pode ler na brochura “O contributo do núcleo desportivo na construção das traves mestras da Associação Cultural Moinho da Juventude” dedicada, em 1999, ao Jacinto Varela³⁴:

“Fui uma das pessoas que ajudou o Moinho a crescer. Aprendi a ler na biblioteca do Moinho. Hoje em dia sou coordenador do desporto” (Nino);

“Aprendi a liderar com situações que para mim eram desconhecidas” (Henos);

“De início, o que contava para mim, era o facto de poder jogar à bola. À medida que o tempo foi passando, comecei a estar mais presente e ligada aos acontecimentos que ocorriam no Moinho, como por exemplo: participei em diversos mini-cursos de verão, em festas, matinés. Dentro do bairro, eu não era conhecida, nem me dava com ninguém, pois só aprendi a falar crioulo aos 12 anos, logo os amigos que tenho hoje, fi-los no Moinho. De início participei como atleta / formanda, hoje em dia sou também monitora responsável pelo grupo de dança. Para que eu possa desenvolver um bom trabalho, acho que tenho de demonstrar pontualidade, respeito e pretendo acima de tudo, criar um bom ambiente de trabalho” (Maria dos Anjos);

“Ajudo os jovens o mais possível, para que estes possam ser guiados nos vários caminhos que a vida nos apresenta. Os meus objectivos de trabalho consistem em manter a mesma força de vontade, a amizade, a cooperação entre todos os responsáveis da Associação, a dedicação, o respeito e acima de tudo, a comunicação. Estes valores para mim são fundamentais para que possa desenvolver um bom trabalho” (Carlitos);

“O que me liga à Associação é o Desporto. Ao longo do tempo este motivo sofreu alterações devido aos jovens com quem trabalho. Temos que investir muito neles, para que se sintam motivados para realizarem as suas actividades” (Délío).

Estes são os testemunhos de jovens, a maioria já fora da escola, que assumiam em 1999 a responsabilidade de alguns grupos desportivos do Moinho. Participavam em formações sistemáticas dos responsáveis, em intercâmbios, seminários. Henos, electricista e Carlitos, carpinteiro e ladrilhador, frequentaram, com sucesso, no Moinho, o curso de Formação de Formadores. Délío optou pelo curso EFA “auxiliar de acção educativa”, no Moinho, o que lhe proporcionou o 9º ano, e trabalha agora como auxiliar no Jardim-de-infância do Moinho, conseguindo um trabalho de parceria com a técnica, educadora, e com os pais e familiares, assegurando igualmente o “Espaço Jovem”. Um perito de experiência, que conseguiu incorporar a formação pela prática.

A criação de Serviços de Proximidade, numa perspectiva duma economia de bairro, foi uma aposta conseguida no Moinho. Vendo o quadro dos colaboradores do Moinho, contam-se 11 técnic@s, 34 perit@s de experiência e 2 que acumulam os dois estatutos. Para além destes, colaboram 12 amas na creche familiar e 32 jovens responsáveis (perit@s de experiência – em formação) pelos grupos de dança, música, ginástica, futebol, basquetebol, apoio escolar.

Em 1994, na altura do Programa NOW³⁵, o parceiro dos Países Baixos tinha recebido como tarefa ‘ensinar e formar responsáveis de centros de apoio à infância nos países do sul da Europa’. Devido ao seu interesse e atitude, a equipa holandesa soube olhar pelo que encontrou em Portugal. A responsável pela redacção do curso das auxiliares de acção educativa alóctones nos Países Baixos apercebeu-se que podia aprender das práticas e atitudes das auxiliares caboverdianas e angolanas do Moinho. Houve a formulação dum novo projecto para proporcionar a vinda de responsáveis holandeses para a Cova da Moura. O resultado do estudo foi inserido no curso d@s auxiliares holandeses e alóctones e foi apresentado ao Ministro da Educação dos Países Baixos.

³⁴ Jacinto Varela era Vice-Presidente do Moinho quando faleceu em 1998 num acidente de carro. Trabalhando na construção civil, foi o primeiro treinador desportivo dos jovens nos anos ‘80. Conseguiu o certificado do 9º ano, na altura da sua formação como Mediador sócio-cultural no Moinho em 1997

³⁵ NOW = New Opportunities for Women. Programa da UE.

Esta colaboração desaguou num novo projecto, o “CREDIT³⁶” tendo como promotor a Faculdade de Psicologia – departamento “novas tecnologias” da Universidade de Amsterdam e Financial Times Management. O Moinho agarrou, neste projecto-piloto, a validação de competências das auxiliares da acção educativa através da Internet e apresentou em 2002, no âmbito do programa INTEGRA, o desenvolvimento do sítio PROXY³⁷ – nível 3. (Ver anexo 3). No quadro do projecto EQUAL “Emprego Apoiado” foi elaborado a validação das competências das auxiliares da acção educativa do nível 2. O testar do sítio foi assumido por um grupo de 25 auxiliares de acção educativa que, na base desta validação, elaboraram o seu portfolio.

Este portfolio significou um orgulho para @s própri@s auxiliares, e alterou a sua relação com os se@s filh@s, que descobriram as competências das suas mães e pais. A descoberta do que sabiam, o reconhecimento oficial destes conhecimentos, capacidades e atitudes proporcionou uma alteração na sua actuação. Facilitou também o reconhecer das lacunas a superar.

Foi no contexto do trabalho da Associação Moinho da Juventude, que se convidaram algum@s técnic@s e perit@s de experiência a preencher o questionário em Anexo 2.

➤ *Uma análise SWOT sobre a relação Perit@ de Experiência / Técnico na Associação Cultural Moinho da Juventude*

No âmbito deste estudo realizaram-se 8 questionários, preenchidos respectivamente por

- 3 perit@s de experiência (P), todos com mais de 10 anos de colaboração no Moinho.
- 3 técnico@s (T), respectivamente 7anos, 2 anos, 3 meses
- 2 perit@s de experiência, que acumulam o estatuto de técnico@ (PT), respectivamente 10 anos, 2 anos.

Numa primeira leitura das respostas consta que, tanto @s perit@s como @s técnico@s, têm uma vivência desta parceria que vai muito além do que escreveram nos inquéritos. Esta verificação é por si só um facto de análise interessante no âmbito desta reflexão, pondo em questão a técnica do “inquérito escrito” escolhido. Citando Guylaine Racine³⁸

“dans leur pratique, les praticiens utilisent très peu les connaissances produites para la recherche scientifique. Malgré tout, cette façon de concevoir la recherche dans le monde de l’intervention sociale jouit encore d’une grande influence.” (Guylaine Racine, 2000 : 44)

Este documento limita-se a uma primeira abordagem da temática desta parceria, indicando algumas propostas de caminhos a explorar, enriquecendo as respostas ao inquérito com alguns conhecimentos adquiridos através da “observação participativa”. Somente uma parte do inquérito é analisada neste estudo, nomeadamente os pontos fortes e os pontos fracos da parceria.

Para analisar os questionários, agrupámos as respostas, equacionando indícios a nível do ‘empowerment’ e da resiliência, conforme definido no capítulo 1.

Utilizaram-se igualmente indicações da investigação do HIVA³⁹ em relação a atitudes, competências, conhecimentos, organização.

³⁶ CREDIT – challenge : Moving from current practice to computer supported assessment, accreditation and advice on further training. System components: Skill matching Tool; Evidence Tool, Advice Tool, Training Tool. (Finalizado em 2002)

³⁷ <http://redeciencia.educ.fc.ul.pt/proxy>

³⁸ Guylaine Racine **La production de savoirs d’expérience chez les intervenants sociaux**

³⁹ Katrien Vandenbempt & Barbara Demeyer **Beroepsprofiel Ervaringsdeskundige in de armoede en sociale uitsluiting**, Hoger Instituut voor de Arbeid, Leuven, 2003.

Uma análise baseada nos processos do ‘empowerment’ e da construção da resiliência⁴⁰

Nesta análise classificaram-se, com alguma subjectividade, as respostas d@s perit@s de experiência e d@s técnic@s, recorrendo aos 4 processos de ‘empowerment’, nomeadamente **comunicação, reflexão, acção e cooperação**, os quatro eixos da aprendizagem social que sustentam o ‘empowerment’⁴¹.

COMUNICAÇÃO

A nível do processo da Comunicação são mencionados como Pontos Fortes da parceria:

- ❖ *A colaboração entre técnico@ / perit@ de experiência consiste na comunhão da informação, ponto de ligação com o público alvo e a sua realidade (P);*
- ❖ *Troca de experiência e opiniões com visões diferentes (P);*
- ❖ *Perito de experiência é uma referência positiva (P);*
- ❖ *Partilha de conhecimento, experiência (PT);*
- ❖ *Encontro entre saberes que se completam e reforçam (T);*
- ❖ *Respeito pelas culturas e religiões da população (P);*
- ❖ *Confiança / respeito (PT);*

Ressalta nestas afirmações a comunicação multilateral, criando as condições para o processo de ‘empowerment’. É uma comunicação feita com “ponto de ligação com o público alvo”.

As respostas a nível dos Pontos Fracos da Parceria apontam para o reconhecimento dos processos que nalgumas situações ou nalgumas parcerias bloqueiam a comunicação multilateral d@s perit@s e técnic@s.

- ❖ *Não respeitar algumas sugestões e opiniões (P); Falta de respeito / Falta de confiança (PT); Fecho sobre saberes, informações (T);*
- ❖ *A comunicação ainda está por melhorar (PT); Comunicação confusa, pouco precisa (T)*
- ❖ *Hierarquia (PT); Hierarquização imposta nas tarefas (P);*
- ❖ *Os pontos fracos passam pelo início de troca e partilha entre ambos, que pode ser um pouco demorado, porque é necessário existir confiança (P); @s técnico@s são na maioria de fora do bairro e levam algum tempo a perceber as necessidades **reais** do bairro (PT);*
- ❖ *Pensar que quem tem curso pode agir sem respeitar as culturas e religiões (P);*
- ❖ *Fraca capacidade de comunicação (P);*

Na observação participativa foi possível verificar, muitas vezes, nas trocas e partilhas dos parceiros, uma AHA-erlebnis, tanto a nível d@ perit@ como a nível d@ técnico@. O que se pode comprovar: o respeito mútuo é condição ‘sine qua non’ para uma comunicação multilateral. Existem experiências de relações entre perit@s e técnic@s em que a comunicação se limita a uma direcção unilateral: a concepção sobre ‘estruturas hierárquicas’ e ‘o poder’ não é alheia a esta unilateralidade. Neste tipo de comunicação surgem as ‘mentiras’, da parte dos perit@s de experiência, e os discursos ‘duplos’ (o que se diz e o que se quer dizer) da parte d@s técnico@s.

A capacidade de comunicação multilateral, que questiona amb@s, @ perit@ e @ técnico@, é um caminho difícil. São os mecanismos das intercepções entre poder e disponibilização das informações e

⁴⁰ Boris Cyrilnik **Um Merveilleux malheur**, Odile Jacob, 2002

⁴¹ Danny Wildemeersch, Theo Jansen, Joke Vandenebeele e Marc Jans **Aprendizagem Social: uma nova perspectiva sobre a aprendizagem em sistemas participados** Revista “FORUM III” – Educação de Adultos; Universidade do Minho, Braga, 2004

conhecimentos, que o complicam. É o peso desigual na balança dos valores, normas, usos de culturas diferentes, que provoca ruído.

Na observação participativa assistiu-se às vezes ao anseio de evitar confrontos na comunicação, de diluir as diferenças para evitar conflitos ou para ‘poupar’ tempo. Mais tarde é que estes rodeios se vingavam. Outras vezes estalavam conflitos sem procura de soluções. Mas existem muitos exemplos de aprendizagens mútuas a partir de conflitos provocados pelas diferenças de culturas.

Neste contexto, Boris Cyrilnik⁴² confirma a importância do ‘respeito pelas culturas e religiões’ e ao mesmo tempo da necessidade de ‘acareação’ :

On assiste parfois à une explosion comportementale, violente et surprenante chez un groupe social que l'on croyait assimilé. Car on oublie trop souvent que le refoulement est moins morbide que le retour du refoulé. (2002 : 45)... La culture d'accueil devra payer très cher pour accepter ces humains amputés d'une partie de leur identité jusqu'au jour où un événement minuscule bloque la soupape et fait exploser le problème, à la grande surprise de tous. Le biculturalisme n'est pas la solution la plus facile puisqu'il exige l'apprentissage de deux mondes mentaux. Il semble pourtant plus humain et plus riche. (2002 : 46)

REFLEXÃO

A nível do processo da Reflexão são mencionados como Pontos Fortes da parceria:

- ❖ *Troca de experiência que possibilita analisar os vários ângulos (PT);*
- ❖ *Aumento dos conhecimentos técnico@s de perito de experiência e aumento dos conhecimentos da praxis “vivencial” de técnico@ (T);*
- ❖ *Pensar e ponderar antes de agir (P);*

Os pontos fortes que tocam o processo da “reflexão” referidos pelo@s inquirido@s são limitados. O “distanciar” é menos referido. Nos Pontos Fracos alertam:

- ❖ *As perspectivas de trabalho podem ser por vezes demasiado díspares entre ambas (T);*
- ❖ *Dificuldade de perito@ de experiência de se distanciar das problemáticas do grupo com quem trabalha (T);*

Teria interesse a análise mais profunda da forma como o@s perito@s e o@s técnico@s trabalham na sua parceria, os seus preconceitos, os mecanismos de exclusão conscientes e inconscientes e as suas identificações.

Como exemplo, referimos os preconceitos em relação às responsabilidades parentais dos migrantes caboverdeanos. O estímulo para a leitura, para a reflexão da parte do técnico@ ajudou um perito@ a lembrar-se de transmissões orais, que confirmaram o que leram no livro “Os Rabidantes”⁴³ de Márcia Grassi⁴⁴

“.. a maioria das mulheres rabidantes entrevistadas refere que a “natural” responsabilidade da mulher em relação aos filhos ou à sobrevivência do agregado familiar e à irresponsabilidade difusa dos homens cabo-verdeanos encontraria uma explicação no modo de povoamento das ilhas, nomeadamente no facto de a maior parte das famílias terem antepassados portugueses, muitas vezes religiosos, que assumiam em relação aos filhos nascidos de uniões com negras africanas – escravas vindas do continente – uma atitude de irresponsabilidade. (2003 : 279)

⁴² Boris Cyrilnik, **Um Merveilleux malheur**, Odile Jacob, 2002

⁴³ “São assim chamados em Cabo Verde as mulheres e os homens que fazem negócios no espaço de mercado a que a ciência económica chama sector informal. Informações recolhidas no terreno esclareceram que o nome significa, em crioulo de Cabo Verde, “dar a volta”, “desenrascar-se”, e é utilizado para indicar alguém que é muito hábil a convencer os outros (rábida bó, o que engana o outro) (2003 : 23)

⁴⁴ Marzia Grassi – **Os Rabidantes** A questão do género no sector informal em Cabo Verde: um estudo sobre as “rabidantes” do mercado “Sucupira” na ilha de Santiago, ICS, Lisboa, 2003.

Na observação participativa verificou-se a existência duma reflexão contínua e sistemática a nível dos Corpos Gerentes. A nível dos vários núcleos da Associação a reflexão sistemática existe, mas depende muito do empenhamento d@s colaboradores em relação aos objectivos e traves mestras.

O guião mais utilizado no Moinho para a reflexão é o confronto da prática com as Traves Mestras (Anexo 1) da Associação. No recrutamento de nov@s colaboradores e em cada curso de formação profissional são apresentadas as Traves Mestras e é pedida a colaboração no reforço das mesmas.

É claro que “a reflexão” é um dos processos que necessita de uma abordagem mais sistemática.

ACÇÃO

A nível da Acção são mencionados como Pontos Fortes da parceria:

- ❖ *Aprendizagem mutua (P);*
- ❖ *Articulação (T);*
- ❖ *Integração de diferentes perspectivas de actuação (T);*
- ❖ *Trocas de experiência do terreno e de formação base entre ambos (T);*
- ❖ *Maior facilidade em chegar à comunidade através d@s perit@s de experiência (T);*
- ❖ *Fomentar o ‘empowerment’ (PT);*
- ❖ *Dar motivação aos jovens quanto à sua capacidade e importância apesar dos poucos estudos (PT);*

Nestas respostas observa-se um crescimento da “competência” pelo facto da existência duma parceria. O atingir dos objectivos é facilitado pela parceria perit@ / técnic@. Como Pontos Fracos são enumerados vários que referem ao “ceder” à criação de estruturas hierárquicas na parceria: *Imposição de ordens (PT); Hierarquização imposta nas tarefas (P);*

Outros pontos fracos assinalam problemas específicos: *Capacidade de auto-sustentação financeira (PT); Não aproveitar os fenómenos, acontecimentos inesperados e oportunidades que exigem intervenção rápida (T); Excesso de trabalho relativamente a outros projectos que não sejam comuns (T);*

É apontado o stress como causador de problemas na parceria numa acção: *Falta de empatia entre @ perit@ de experiência e técnic@ em situação de stress devido às diferenças da formação pessoal de amb@s (T);*

Na observação participativa houve ocasião de participar em acções, desencadeadas em parceria técnic@ / perit@, de variados tipos e feitos. Alguns exemplos:

- ❖ Em 1995, para o reconhecimento do Jardim-de-infância pelo Ministério de Educação, era preciso uma licença da Câmara. A técnica responsável accionou todas as suas capacidades e conhecimentos para a obter, mas sem êxito... Em parceria com algum@s perit@s equacionou outras acções. Nestas trocas surgiu a proposta de irem em conjunto com as crianças “oferecer flores do bairro” ao Presidente da Câmara. A parceria perit@ / técnic@ proporcionou uma acção reflectida, planeada e participada pelos moradores, tendo êxito no cumprimento dos seus objectivos.
- ❖ A necessidade sentida, no início dos anos ‘90, pel@s perit@s de experiência a nível dum espaço de encontro para os jovens no bairro da Cova da Moura conseguiu um planeamento e execução com sucesso pela parceria dos técnic@s e perit@s. A construção foi feita durante um curso de formação de animadores e jovens “pombos correios”⁴⁵. Cada animador em formação era responsável por 2 jovens “pombos correios”. O mestre de obras, técnic@, utilizava as oportunidades proporcionadas pela construção do espaço para a aprendizagem da matemática e do português. @s perit@s de experiência cuidavam das ligações com as famílias e os moradores.

⁴⁵ “Pombo correio” era naquela altura o nome para @ jovem de menos de 18 anos que levava as drogas para os clientes.

- ❖ As repetitivas actuações da polícia-de-intervenção no bairro do Alto da Cova da Moura no fim de 2001, início de 2002 provocaram uma reacção muito negativa nos moradores, e em especial nos jovens. Perit@s e técnic@s do Moinho sentaram-se à mesa para reflectir sobre a avalanche de confrontos armados. Decidiram convidar a hierarquia superior da polícia para uma reunião onde se conseguiu pôr as cartas na mesa de parte a parte. A disponibilidade dos dois lados, mas sobretudo a parceria de técnic@s e perit@s proporcionou a execução com sucesso de diversas iniciativas de encontro polícia – moradores da Cova da Moura: um jantar preparado pel@s agentes de interligação, perit@s de experiência do Moinho, acompanhado por um jogo de apresentação recíproca, serviu de quebra-gelo. (Um gelo muito real de parte a parte em Janeiro de 2002: ver Anexo 4).
- ❖ Na digressão do Afro-Reggae para o Rock in Rio em Maio de 2004, o grupo do Brasil actuou no bairro da Cova da Moura. Jovens do grupo “Muito Fumo”, a maioria drugdealers e / ou consumidores, propuseram à Direcção do Moinho assumir a segurança durante a Festa. No decorrer do evento encarregaram-se igualmente de serem anfitriões na visita às instalações do Moinho e na visita ao bairro, numa forma extremamente competente. (A motivação da necessidade versus a motivação da competência na acção⁴⁶). Este facto encontra a sua explicação num trabalho anterior e de envolvimento dos jovens em várias actividades e encontros. A leitura do Boris Cyrilnik⁴⁷ proporciona um aditamento a nível da reflexão sobre o comportamento dos jovens:

Un même scénario comportemental peut prendre un sens opposé selon son contexte social: vendre de la drogue est considéré comme un crime pour ceux qui sont socialisés, alors que c’est un comportement de sauvetage, de réparation ou de résilience même, pour ceux qui ont été socialement humiliés » (2002 : 17)

COOPERAÇÃO

Em relação à cooperação, indicaram os seguintes “pontos fortes”:

- ❖ @ técnic@ sabe explicar a base fundamental do comportamento social; @ perit@ sabe traduzi-lo para os moradores, criando um nó de força de acção adequada, eficaz e eficiente (T);
- ❖ Trabalho de equipa entre @ técnic@ e perit@ de experiência, que conhece o bairro (P);
- ❖ Trabalhar em Rede fortalece todos, em particular os moradores (T);
- ❖ Técnico e perit@ em conjunto encontram uma fórmula em que o morador é mais que parte activa no processo; ele é propriamente o grande motor da transformação e do projecto (T);
- ❖ Permite uma maior interligação de ambos no projecto que partilham (T);
- ❖ Trabalharemos todos pelo mesmo objectivo (P);
- ❖ Consciencialização dos objectivos a alcançar (PT);
- ❖ Conjunção de esforços para atingir objectivos. (T);

Como causas dos Pontos fortes são referidas: População (P); Espírito de equipa (P); Bairro (P);

Um@ técnico menciona como Ponto Fraco: Incompatibilidade de horários (T). @s perit@s apresentam Pontos Fracos no âmbito da relação, prejudicando a parceria e a cooperação: Algum@s técnico@s querem trabalhar sozinhos (P); Não deixar @ perit@ de experiência agir em alguns casos (P);

⁴⁶ Danny Wildemeersch, Theo Jansen, Joke Vandenabeele e Marc Jans **Aprendizagem Social: uma nova perspectiva sobre a aprendizagem em sistemas participados** Revista “FORUM III” p.158.

⁴⁷ Boris Cyrilnik **Um Merveilleux malheur**, Odile Jacob, 2002

“A cooperação”, o eixo que oscila entre o consenso e o dissenso, foi descrito na Revista Fórum da Universidade do Minho⁴⁸

Os sistemas participados que pretendem conseguir determinados objectivos, tendo por base a cooperação, estão continuamente envolvidos em processos de negociação implícitos e explícitos, dentro e fora dos limites do próprio sistema. As negociações consistem nos esforços implementados para obter acordos relativamente aos objectivos que se pretende atingir e aos meios que serão mobilizados. Desta forma, confrontam-se com diferenças na percepção, na interpretação e nos interesses que existem entre os membros do grupo e entre o grupo e os actores externos. (2004 : 165)

Na observação participativa certificou-se que a ultrapassagem de tensões e contradições pode ser trabalhada na parceria “perit@ de experiência” e “técnic@”, proporcionando uma melhor cooperação com os moradores.

Alguns exemplos de cooperação na parceria perit@ / tecnic@, verificados a nível da observação participativa:

- ❖ O despejo da Associação Moinho da Juventude das instalações da Junta de Freguesia, em 1988, provocou nos sócios, moradores, formand@s do curso de alfabetização e técnic@s um “Djunta Môn”⁴⁹ que resultou na recuperação duma sala abarracada, na disponibilização de móveis, na pintura das paredes, na angariação de fundos para uma nova sede através de emissão de “títulos”. Mais tarde conseguiu-se uma plataforma de diálogo com a Junta de Freguesia.
- ❖ Jovens duma Escola de Enfermagem de Lisboa fizeram o seu estágio no Jardim-de-infância do Moinho. A perita de experiência responsável alertou-os para a forma ‘assistencial’ como estavam a tratar as crianças, ajudando-as a calçar os sapatos, ajudando-as a comer a sopa. “Eles já sabem fazer isto sozinhos, e ‘aproveitam’ agora”. Conseguiu-se um óptimo diálogo sobre educação pela autonomia e responsabilização, conhecida na teoria pel@s estagiári@s, mas incorporada na experiência vivida da perita.
- ❖ O plano da Câmara Municipal para demolir o bairro, apresentado em 2002 na Assembleia Municipal, proporcionou a cooperação entre diversas organizações locais e se@s técnic@s e perit@s de experiência. Foi necessário negociar “regras” de comunicação entre organizações de bairro que estavam de costas voltadas, devido a perspectivas ideológicas diferentes. Foi necessário reflectir em conjunto: “porquê demolir”, “porquê requalificar”. Foi preciso procurar argumentos para convencer a Câmara da necessidade do diálogo com os moradores. Técnic@s ajudaram a planear e a alargar a perspectiva da cooperação, arquitectos elaboraram planos alternativos; advogados ajudaram a procurar a defesa legal da Requalificação. @s perit@s envolviam @s moradores na formulação dos argumentos da Requalificação do bairro. Surgiu o projecto “SABURA”, envolvendo os cabelereiros, merceiros, os donos dos restaurantes, os jovens do HIP HOP num reconhecimento da sua arte e num pensar colectivo da Requalificação do bairro. Um processo onde @ perit@ aprende do técnic@ e @ técnic@ aprende com @ perit@.

A reflexão sobre estes exemplos, decorridos durante a observação participativa, confirma as oportunidades de aprendizagem pela experiência para @s perit@s e para @s técnic@s. Condição ‘sine qua non’ é a existência da comunicação em toda a sua amplitude de feed-back, conflitos e abertura para superar os conflitos pelo enquadramento numa perspectiva mais alargada.

⁴⁸ Danny Wildemeersch, Theo Jansen, Joke Vandenabeele e Marc Jans **Aprendizagem Social: uma nova perspectiva sobre a aprendizagem em sistemas participados** FORUM III, Braga, 2004

⁴⁹ Djunta môn: juntar as mãos

➤ *Complementaridade versus dicotomia: o tandem*

Nas respostas ao inquérito confirmou-se o reconhecimento da **complementaridade d@ perit@ de experiência e do técnico@**, que é vista como essencial para atingir os objectivos. Foi o que mais foi sublinhado nas causas dos Pontos Fortes da parceria:

- ❖ *Ambos se complementam (P);*
- ❖ *Diferenças culturais de ambos (T);*
- ❖ *Experiência pessoal e profissional d@ perit@ de experiência (T);*
- ❖ *Experiência pessoal e profissional d@ técnico@ (T);*
- ❖ *Identificação da população com as vivências d@ perit@ de experiência (T);*
- ❖ *@ perit@ de experiência ser alguém que trabalha directamente com a população alvo, permitindo ter uma forte ligação ao público alvo (e ele pertencer e conhecer o público alvo) (P);*
- ❖ *@ perit@ de experiência apreende conhecimento teórico que @ técnico@ traz e @ técnico@ apreende experiências vividas d@ perit@ de experiência (P);*

Na observação participativa averiguaram-se algumas vezes tendências de “imitação” de comportamentos, linguagens dos técnico@s por parte de alguns perit@s, limitando-se, no entanto, a períodos definidos e situações específicas. A experiência vivida está e fica patente nas alturas cruciais.

A complementaridade é dificultada quando há *“personalidades muito diferentes e objectivos diferentes (P)”* ou se houver *“uma diferença no desempenho da profissão (P)”* ou *“uma diferente forma de ver os problemas (P)”*.

No aprofundamento das respostas sobre “as causas” dos Pontos Fortes da parceria, tornou-se claro que algumas se trata antes de “condições” para garantir uma boa colaboração perit@s de experiência / técnico@s.

Identificaram, como pontos fortes da parceria, a existência de atitudes profissionais idênticas à lista apresentada pelo HIVA⁵⁰: *o bom senso e respeito (P); a empatia (PT); o equilíbrio na relação (P); a disponibilidade das duas partes em colaborar (PT); espírito de equipa (T); trabalho em equipa entre técnico@ e perit@ de experiência (T); Actuação em conjunto (PT); Participar a todos os níveis em conjunto (nomeadamente perito/ técnico@ / morador em: seminários, conferências, workshops..) (T); Ter grande poder de observação e de escuta (T);*

E acrescentam:

a Simpatia (PT); a sensibilidade de ambos (P); Força de vontade (PT); Valorização do trabalho de cada um (PT); Conhecimento da realidade (T); a consciência dos fenómenos do poder (T); Objectivos comuns (T); Ter por ponto de partida o estádio da população (T); Ter humildade (T); Boa vontade (T); O empenho da direcção em apoiar esta dicotomia (PT).

⁵⁰ Katrien Vandenbempt & Barbara Demeyer **Beroepsprofiel Ervaringsdeskundige in de armoede en sociale uitsluiting**, Hoger Instituut voor de Arbeid, Leuven, 2003.

4. Algumas conclusões

No âmbito deste trabalho da pós-graduação houve oportunidade de equacionar alguns elementos da parceria perit@ de experiência / técnico@, a sua importância num processo de 'empowerment' e construção da resiliência.

Equacionou-se, numa mini-pesquisa, os contornos do perit@ da experiência nos Países Baixos e da Bélgica. Não foi possível, no âmbito deste trabalho investigar o que existe sobre este tema noutros países. Não obstante, a documentação encontrada na Flandres surpreendeu pela sua diversidade e sistematização; surpreendeu ainda pelo 'estatuto oficial' do Perito de Experiência na Luta contra a Pobreza.

Recomenda-se uma tradução da investigação do HIVA⁵¹, que apresenta o perfil completo, incluindo a descrição das tarefas e actividades, atitudes, conhecimentos, capacidades necessárias e perspectivas futuras.

Teria interesse analisar o nome 'perito de experiência' ou 'ervaringsdeskundige' em neerlandês, ou 'expert du vécu' em francês. Teria interesse demarcar a diferença: perit@ de experiência e mediador sócio-cultural. No que concerne à definição, propõe-se uma generalização da definição do perit@ de experiência na área da pobreza, encontrada no Decreto do Governo Flamengo de Março 2003:

"Pessoa, que experienciou, que reflectiu sobre e equacionou uma determinada vivência e a enquadrou e que, através dum formação, adquiriu atitudes, competências e metodologias para aplicar, dum forma cabal, "a sua experiência em determinada área" num ou mais sectores daquela área."

Utilizou-se um questionário para obter uma avaliação SWOT da parceria vivida pelas perit@s e técnico@s no quadro da Associação Cultural Moinho da Juventude. Nas respostas, encontraram-se itens relacionados com os eixos da aprendizagem social e uma confirmação da complementaridade do seu trabalho. Nas respostas e na observação participativa foi possível verificar na parceria a existência dum formação experiencial: *a experiência existencial que implica a presença activa do ser psicossomático com as suas qualidades socioculturais numa plasticidade dinâmica* (2002 : 41) conforme formulado por Marie-Christine Josso⁵². Assinalaram dificuldades e perigos no papel do perit@ e do técnico@. O trabalho em tandem é considerado enriquecedor, não obstante, imponha condições, confirmadas pela observação participativa. Na parceria deve existir tempo e espaço para comunicação multilateral, para intercâmbio. Acordos claros e definidos do tipo de colaboração são imprescindíveis. É desejável existir um 'coaching' da parceria, apoiando o perit@ no distanciamento das suas experiências vividas, abrindo-as para análises e conclusões mais abrangentes e apoiando o técnico@ na demistificação de preconceitos, nas abordagens sufocantes *das realidades da vida dos seres humanos em categorias estandardizadas* (Josso2002:202)

Não houve possibilidade para tratar a fundo as implicações do poder / criatividade / responsabilidade no âmbito da parceria.

Limitou-se a um contributo para a reflexão, que se espera, terá continuidade.

⁵¹ Katrien Vandenbempt & Barbara Demeyer **Beroepsprofiel Ervaringsdeskundige in de armoede en sociale uitsluiting**, Hoger Instituut voor de Arbeid, Leuven, 2003.

⁵² Marie-Christine Josso **Experiências de vida e formação**, 2002.

Bibliografia

A Associação Cultural Moinho da Juventude Revista 'FORMAR' IIEFP, Julho 2001.

Boon, Louís Paul **Pieter Daens of hoe in de negentiende eeuw de arbeiders van Aalst vochten tegen armoede en onrecht**, De Arbeiderspers/Em. Querido, Amsterdam, 1971.

Carvalho Guerra, Isabel **Fundamentos e Processos de uma sociologia de acção, o planeamento em ciências Sociais**, Principia, 2002.

Cyrilnik, Boris **Um Merveilleux malheur**, Odile Jacob, 2002.

Demeyer, Barbara; Vandenbempt Katrien **Beroepsprofiel: Ervaringsdeskundige in de armoede en sociale uitsluiting**, Leuven, HIVA, 2003.

Een andere benadering van armoede-indicatoren, onderzoek – actie – vorming, centrum voor gelijkheid van kansen en voor racismebestrijding, maart 2004.

Egas, C.; Zuidema, E. **Hulpverlening bij reïntegratie : de ervaringsdeskundige als adviseur**, 1998.

Freire, Paulo; Nogueira, Adriano e Mazza, Débora **Fazer escola conhecendo a vida**. Papirus, 1986.

Grassi, Marzia – **Os Rabidantes** A questão do género no sector informal em Cabo Verde: um estudo sobre as “rabidantes” do mercado “Sucupira” na ilha de Santiago, ICS, Lisboa, 2003.

Homepages de Peritos de Experiência

Josso, Marie Christine **Experiências de vida**, Educa, Lisboa, 2002.

Machado Pais, José **Ganchos, tachos e biscates** Ambar, 2001

Racine, G. **La production des savoirs d'expérience chez les intervenants sociaux: le rapport entre l'expérience individuelle et collective**, Harmattan, 2000.

Temanummer over ervaringsdeskundigen, Alert, jg. 27, 2001, nr.2.

Verduyck, Evi **Ervaringsdeskundigen als tolken van de armoederealiteit**, in Wegwijs, jg. 12 2001, nr.1, blz.3-7 Interview met Lut Goossens, coördinator van de LINK

Walschap, Toon **Ervaringsdeskundigen, opleiden, inschakelen**, in Sociaal, jg.2001, nr.6, blz.6-8.

Wildemeersch Danny, Jansen Theo, Vandenabeele Joke e Jans Marc **Aprendizagem Social: uma nova perspectiva sobre a aprendizagem em sistemas participados** Revista 'FORUM III' – Educação de Adultos, Universidade do Minho, Braga, 2004.